

**NEOFASCISMO PERIFÉRICO: A CRIAÇÃO DE MODELOS NACIONALISTAS EM
UM MUNDO PÓS-COLONIAL
ODS 4, 8, 10, 16 e 17**

Alícia da Rocha de França (Universidade de Taubaté)
Paulo Henrique Costa Sodré (Universidade de Taubaté)

No contexto do declínio do imperialismo ocidental, as ex-colônias vivenciam a ascensão de novas elites locais que reestruturam o poder, perpetuando dinâmicas imperiais e intensificando a agenda neoliberal. Esse processo é acompanhado por uma visão idealizada do "bom selvagem", que certas alas da esquerda reformista adotam ao enxergar as populações do Sul Global como intrinsecamente boas e justas, livres das corrupções do capitalismo ocidental, o que as tornaria incapazes de se aliar a elites fascistas ou opressoras. No entanto, essa idealização ignora a realidade de que, frequentemente, essas novas elites locais mantêm e até aprofundam as mesmas estruturas de exploração que caracterizavam o colonialismo. Enquanto potências emergentes, como a China, adotam uma postura anti-hegemônica, elas o fazem priorizando seus próprios interesses e hesitando em se engajar em lutas coletivas até que suas próprias existências sejam ameaçadas, refletindo um mundo cada vez mais individualista. A análise histórica e teórica revela que o fortalecimento de blocos como o BRICS não rompe com as estruturas globais de poder, mas promove um nacionalismo chauvinista que encobre a continuidade do legado liberal. Nesse cenário, um neofascismo terceiro-mundista, disfarçado de anticolonialismo, ganha força, reforçando as dinâmicas de exploração da classe trabalhadora local e global. Em suma, sob a fachada de emancipação, as elites locais consolidam uma contrarrevolução que, longe de superar as lógicas de opressão, reconfigura essas estruturas, enquanto a relutância das potências emergentes em engajar-se coletivamente limita o potencial transformador do Sul Global, a menos que a necessidade de cooperação internacional force uma mudança.

Palavras-chave: Neofascismo, colonialismo, periferia.